







28

A PRIMEIRA EDIÇÃO

DOS

# LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA

DE

LUIZ DE CAMÕES

(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.

(CAMÕES, *Lusiadas*).

Fasciculo n.º 1

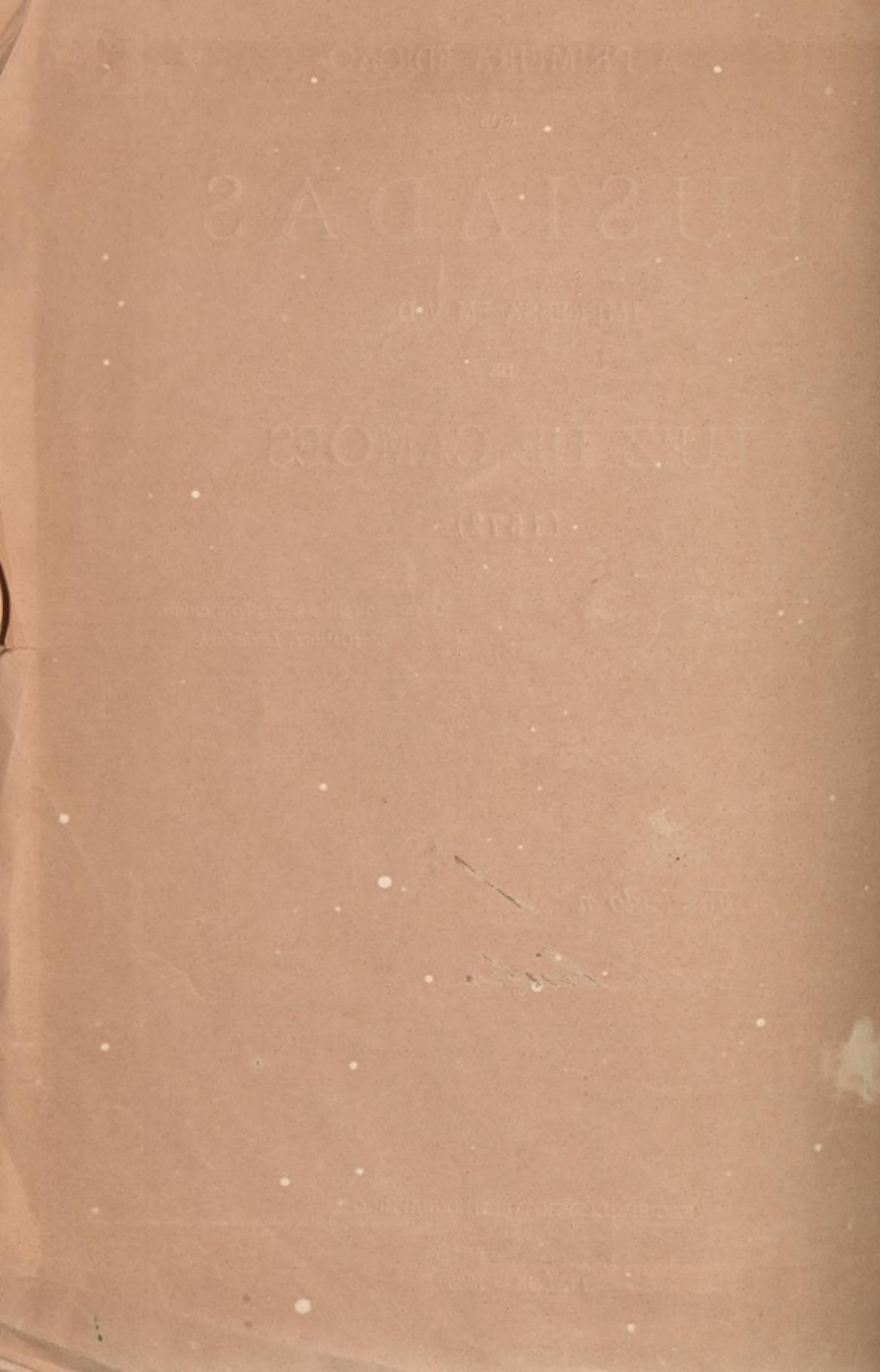
Especie limbo

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO

POR

J. E. DOS SANTOS

LISBOA — 1886



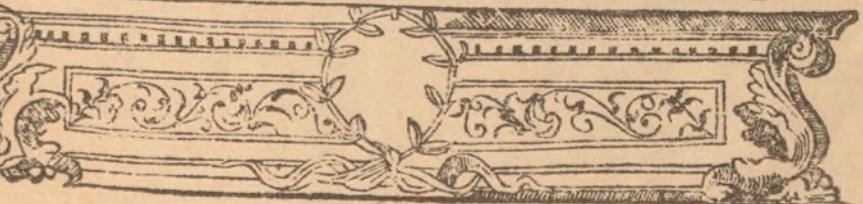


OS  
LUSIADAS  
de Luis de Ca-  
moës.

COM PRIVILEGIO  
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da  
sancta Inquisição, & do Ordina-  
rio: em casa de Antonio  
Gõçaluez Impressor.*

1572.







**R**el Rey faço saber aos que este Aluara viré  
que en ey por bem & me praz dar licença  
a Luis de Camões pera que possa fazer im-  
primir nesta cidade de Lisboa, húa obra em  
Oitava rima chamada Os Lusíadas, que cõ  
tem dez cãtos perfectos, na qual por ordem  
poetica em versos se declarão os principaes  
feitos dos Portugueses nas partes da India depois q̃ se descobrio  
a navegação pera ellas por mādado del Rey dom Manoel meu  
visauo q̃ sancta gloria aja, & isto com privilegio pera que em tẽ-  
po de dez annos que se começarão do dia q̃ se a dita obra acabar  
de imprimir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus  
reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nẽ leuar aas ditas  
partes da India perã se vèder sem licẽça do dito Luis de Camões  
ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sobpena de quẽ o con-  
trario fizer pagar cincooẽta cruzados & perder os volumes que  
imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a  
outra metade perã quem os acusar. E antes de se a dita obra ven-  
der lhe sera polto o preço na mesa do despacho dos meus Desem-  
bargadores do paço, o qual se declarará & porã impresso na pri-  
meira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se  
imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geeral  
do sancto officio da Inquisiçam, pera com sua licença se auer de  
imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais  
algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença  
do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se  
imprimirã outrossi no principio da dita obra, o qual ey por bem  
que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em  
meu nome, per mim asinada, & passada por minha Chancel-  
laria, sem embargo da Ordenaçam do segundo liuro, titulo xx.  
que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum  
anno passem per cartas, & passando per aluaras não valham.  
Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a vinte & quatro dias do mes  
de Setembro, de M.D.LXXI. Iorge da Costa o fiz escreuer.

**V**I por mandado da sancta & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia, & Europa, & não achey nelles cousa algũa escandalosa, nem contraria á fee & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Author pera encarecer a difficuldade da nauegaçam & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retrakte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deos-sas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Au-tor como poeta, não pretenda mais que ornar o estillo Poeti-co, não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conbecendoa por tal, & ficando sempre salua a ver-dade de nossa sancta fee, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o Liuro digno de se impri-mir, & o Autor mostra nelle muito engenho, & muita eru-dição nas sciencias humanas. Em fe do qual asiney aqui.

• Frey Bertholameu  
Ferreira.

**MOS LUSIADAS**  
DE LUIS DE  
CAMÕES.

**Canto Primeiro.**



**S**armas, & dos ba-

rões assinalados,

Que da Occidental praya Lusitana,

Por mares, nunca de antes não

uegados,

Passaram, ainda além da Taprobana,

Em perigos, & guerras esforçados,

Mais do que prometta a força humana:

Entre gente remota edificaram

Novo Reino, que tanto sublimaram.

E também as memorias gloriosas

Daquelles Reis, que foram dilatando

A Fee, o Imperio, & as terras viciosas

De Africa, & de Asia, andarão deuastrando

E aquelles que por obras valerosas

Se vão da ley da Morte libertando.

Cantando espalharem por toda parte,

Se a tanto me ajudar o engenbo & arte.

A Cessem

OS LVSIADAS DE L. DE CA:  
Cessem do sabio Grezo, & do Troyano,  
As nauegações grandes que fizeram:  
Callese de Alexandro, & de Trajano  
A fama das victorias que tiveram  
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Ten les em my hum nouo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado,  
Foy de my vosso rio alegremente,  
Dai-me agora hum som alto, & sublimado,  
Hum estillo grandiloco, & corrente:  
Porque de vossas agoas Phebo ordene,  
Que nam tenham enueja às de Hypocrene.

Dai-me hũa furia grande & sonora,  
E nam de agreste a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
Dai-me igoal canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se cante no vniuerso,  
Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO: . 2

E vos ò bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
Enão menos certissima esperança,  
De aumento da pequena Christandade:  
Vos ò nouo temor da Maura lança,  
Marauilha fatal da nossa idade:  
Dada ao mundo por Deos que todo o mande,  
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,  
De hũa aruore de Christo mais amada  
Que nenhũa nascida no Occidente,  
Cesaria, ou Christianissima chamada:  
Vedeo no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a victoria ja passada.  
Na qual vos deu por armas, & deixou  
As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,  
O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
Veo tambem no meyo do Hemispherio,  
E quando dece o deixa derradeiro.  
Vos que esperamos jugo & vituperio,  
Do torpe Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio,  
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra qual na primeira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, nam mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno,  
Que nam he premio vil ser conhecido,  
Por hum pregam do ninho meu paterno.  
Ouui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno:  
E julgareis qual he mais excellente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouui, que nam vereis com vãs façanhas,  
Fantasticas, fingidas, mentirozas  
Louuar os vossos, como nas eiranhaz  
Musas, de engrandecerse desejosas:  
As verdadeiras vossas sam tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
Que excedem Rodamõte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

CANTO PRIMEIRO.

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,  
Hum Egas, & hū dom Fuas, q̄ de Homero  
A Citera paretles so cobico:  
Pois polos doze Pares daruos quero,  
Os doze de biglaterra, & o seu Magriço:  
Douuos tambem aquelle illustre Gama  
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
Ou de Cesar, quereis igual memoria,  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria:  
E aquelle que a seu Reino a segurança  
Deixou, com a grande & prospera victoria:  
Outro Ioanne, inuicto caualleiro,  
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
Se fizeram por armas tam subidos,  
Vossa bandeira sempre vencedora.  
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:  
Albuquerque terribil, Castro forte,  
E outros em quem poder não teue a morte.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Em quanto eu edes canto, & a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espanto,)  
De exercitos, & feitos singulares,  
De Africa as terras, & do Oriete os mares.

Em vòs os olhos tem o Mourro frio,  
Em quem vè seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o pescoço ao juço ja inclinado,  
Thetis todo o ceruleo senborio,  
Tem pera vòs por dote aparelhado:  
Que afeiçãoada ao gesto bello, & tenro,  
Deseja de compraruos pera genro.

Em vòs se vem da Olimpica morada,  
Dos dous auòs, as almas ca famosas,  
Hũa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vòs esperam, ver se renouada  
Sua memoria, & obras valerosas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprem. eternidade.

CANTO PRIMEIRO:

x

Mas em quanto este tempo passa lento,  
 De regerdes os pouos, que o desejam:  
 Day vos fauor ao nouo atreusimento,  
 Pera que estes meus versos vossos sejam:  
 E vereis ir cortando o falso argento:  
 Os vossos Argonautas, porque vejam,  
 Que sam vistos de vos no mar yrado,  
 E costumaiuos ja a ser inuocado.

La no largo Oceano nauegauam,  
 As inquietas ondas apartando,  
 Os ventos brandamente respirauam,  
 Das naos as vellas concauas inchando:  
 Da branca escuma, os mares se mostrauão  
 Cubertos, onde as proas vam cortando,  
 As maritimas agoas consagradas,  
 Que do gado de Proteo sam cortadas:

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
 Onde o gouerno está da humana gente,  
 Se ajuntam em consilio glorioso,  
 Sobre as cousas futuras do Oriente:  
 Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
 Vem pela via Lactea, juntamente,  
 Conuocados da parte de Tonante,  
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra qual na imeira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, nam mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno,  
Que nam he premio vil ser conhecido,  
Por hum pregam do ninho meu paterno.  
Ouui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno:  
E julgareis qual he mais excellente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouui, que nam vereis com vãs façanhas,  
Fantasticas, fingidas, mentirosas  
Louuar os vossos, como nas eítranhas  
Musas, de engrandecerse desejosas:  
As verdadeiras vossas sam tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
Que excedem Rodamõte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

CANTO PRIMEIRO.

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, & ao Reino tal serviço,  
Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero  
A Citera parelles so cobigo:  
Pois polos doze Pares daruos quero,  
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço:  
Douuos tambem aquelle illustre Gama  
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
Ou de Cesar, quereis igual memoria,  
Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria:  
E aquelle que a seu Reino a segurança  
Deixou, com a grande & prospera victoria:  
Outro Ioanne, inuicto cavalleiro,  
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,  
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
Se fizeram por armas tam subidos,  
Vossa bandeira sempre vencedora.  
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:  
Albuquerque terribil, Castro forte,  
E outros em quem poder não teue a morte.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Em quanto eu estes canto, e a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espanto,)  
De exercitos, e feitos singulares,  
De Africa as terras, e do Oriete os mares.

Em vòs os olhos tem o Mouro frio,  
Em quem vè seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado,  
Thetis todo o ceruleo senborio,  
Tem pera vòs por dote aparelhado:  
Que afeiçãoada ao gesto bello, e tenro,  
Deseja de compraruos pera genro.

Em vòs se vem da Olimpica morada,  
Dos dous auòs, as almas ca famosas,  
Hũa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vòs esperam, ver se renouada  
Sua memoria, e obras valerosas,  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprem. eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO.

x

Mas em quanto este tempo passa lento,  
De regerdes os pouos, que o desejam:  
Day vos fauor ao nouo atreusmento,  
Pera que estes meus versos vossos sejam:  
Evereis, ir cortando o falso argento:  
Os vossos Argonautas, porque vejam,  
Que sam vistos de vos no mar yrado,  
E costumaiuos ja a ser inuocado.

La no largo Oceano nauegauam,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respirauam,  
Das naos as vellas concauas inchando:  
Da branca escuma, os mares se mostrauão  
Cubertos, onde as proas vam cortando,  
As maritimas agoas consagradas,  
Que do gado de Proteo sam cortadas:

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
Onde o gouerno esta da humana gente,  
Se ajuntam em consilio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente:  
Pisando o cristalino Ceo fermoso,  
Vem pela via Lactea, juntamente,  
Conuocados da parte de Tonante,  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Deixam dos sete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foy dado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:  
Ali se acharam juntos num momento,  
Os que habitam o Arcturo congelado.  
E os que o Austro tem, & as partes onde  
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num assento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto seüero, & soberano,  
Do rosto respirava hum ar diuino,  
Que diuino tornara hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos marchet ados  
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão  
Os outros Deoses todos assentados,  
Como a Razam, & a Ordem concertauam:  
Precedem os antigos mais honrados,  
Mais abaixo os menores se assentauam:  
Quando Iupiter alto assi dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue & borendo.  
Eternos

CANTO PRIMEIRO. 5

Eternos moradores do luzente  
Estelifero polo, & claro assento,  
Se do grande valor da forte gente,  
Do Luso, nam perdeis o pensamento,  
Deveis de ter sabido claramente  
Como he dos fados grandes, certo intento,  
Que por ella sesqueçam os humanos,  
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

Ia lhe foy (bem o viestes) concedido  
Cum poder tam singelo, & tam pequeno,  
Tomar ao Mourro forte & guarneçido,  
Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castelbano tam temido,  
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.  
Assi que sempre em fim com fama & gloria  
Teue os tropheos pendentés da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,  
Que co a gente de Romulo alcançaram,  
Quando com Variato, na inimiga  
Guerra Romana tanto se affamaram.  
Tambem deixo a memoria que os obriga  
A grande nome, quando aleuantaram  
Hum por seu capitam, que peregrino  
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA!

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidoso mar, num lenho leue  
Por vias nunca vsadas, nam temendo  
De Africo & Noto a força a mais satreue;  
Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue.  
Inclinam seu proposito, & perfia  
A ver os berços, onde nasce o dia.

Prometido lhe estádo fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:  
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,  
A gente vem perdida & trabalhada.  
Ia parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como vistes, tem passados  
Na viagem, tam asperos perigos,  
Tantos climas, & ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que sejam, determino, agasalhados  
Nesta costa Africana, como amigos:  
E tendo guarnecida a lassa frota,  
Começaram a seguir sua longa rota.

Estas

Estas palauras Iupiter dezia,  
 Quando os Deoses per ordem respondendo,  
 Na sentença hum do outro disiria,  
 Razões diuerfas dando e recebendo:  
 O padre Baco, ali nam consentia  
 No que Iupiter disse, conbecendo  
 Que esqueceram seus feitos no Oriente,  
 Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
 Hũa gente fortissima de Hespanha  
 Pels mar alto, a qual sojeitaria  
 Da India, tudo quanto Doris banha,  
 E com nouas victorias venceria  
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.  
 Altamente lhe doe perder a gloria,  
 De que Nisi celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,  
 E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,  
 Por vencedor da India ser cantado,  
 De quantos bebem a agoa de Parnaso:  
 Teme agora que seja sepultado  
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,  
 Dagoa do esquecimento, se la chegam  
 Os fortes Portugueses, que nauégam.

Sustentava

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle Venus bella,  
Affeicoadaa gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tam amada sua Romana,  
Nos fortes corações, na grande estrella,  
Que mostráram na terra Tingitana:  
E na lingoa, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupçam cre que he a Latina.

Estas causas mouiam Cyterea,  
E mais, porque das Parcas claro entende  
Que ha de ser celebrada a clara Dea,  
Onde a gente beligerá se estende.  
Assi que hum pela infamia que arrecea  
E o outro pelas honras que pretende,  
Debatem, & na perfia permanecem,  
A qualquer seus amigos fauorecem.

Qual Austro f-ro, ou Boreas na espessura,  
De siluestre aruoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura,  
Com impito & braueza desmedida:  
Brama to-la montanha, o som murmura,  
Rompen-se as folhas, ferue a serra erguida.  
Tal andana o tumulto leuantado,  
Entre os Deuses no Olimpo consagrado,

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentava  
 Entre todas as partes em porfia,  
 Ou porque o amor antigo o obrigava,  
 Ou porque a gente forte o merecia,  
 De antre os Deoses em pee se levantava,  
 Merencorio no gesto parecia:  
 O forte escudo ao collo pendurado,  
 Deitando pera tras medonho, & yrado.

A viseira do elmo de Diamante,  
 Aleuantando hum pouco, muy seguro,  
 Por dar seu parecer se pos diante  
 De Iupiter, armado, forte & duro:  
 E dando hũa pancada penetrante,  
 Co conto do bastão, no solio puro:  
 O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
 Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ò Padre a cujo imperio,  
 Tudo aquillo obedece, que criaste,  
 Se esta gente que busca outro Emispherio,  
 Cujá valia, & obras tanto amaste:  
 Nam queiras que padeçam vituperio,  
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste.  
 Nam ouças mais, pois es juiz direito,  
 Razões de quem parece que he suspeito.

Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razam se nam mostrasse,  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Lufo vem, seu tam priuado:  
Mas esta tençam sua, agora passe,  
Por que em fim vem de estamago danado.  
Que nunca tirará a alhea enueja,  
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu Padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tēs tomada,  
Nam tornes por deiras, pois he fraqueza  
Desistirse da cousa começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Laeteo glorioso,  
Logo cada bum dos Deoses se partio.  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apouentos.

Em

CANTO PRIMEIRO. 8

Em quanto isto se passa, na fermosa  
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente,  
 Cortaua o mar a gente belicosa:  
 Ia la da banda do Austro, & do Oriente,  
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
 Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente  
 Queimaua entam os Deoses, que Tifeo  
 Co temor grande em peixes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauam,  
 Como quem o ceo tinha por amigo:  
 Sereno o ar, & os tempos se mostrauam  
 Sem nuuēs, sem receyo de perigo:  
 O promontorio prasso ja passauam,  
 Na costa de Ethiopia, nome antigo:  
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,  
 Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da Gama, o forte Capitão,  
 Que a tamanhas empresas se offerece,  
 De soberbo, & de altiuo coraçam,  
 A quem fortuna sempre fauorece,  
 Pera se aqui deter nam ve razam,  
 Que inhabitada a terra lhe parece:  
 Por diante passar determinaua:  
 Mas nam lhe soccedeo como cuidaua.

Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Eis apparecem logo em companhia,  
Hũs pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vella:  
A gente se aluoroça, & de alegria  
Nam sabe mais que olhar a causa della:  
Que gente sera esta, em si deziã,  
Que costumes, que ley, que Rei teriam?

As embarcações eram, na maneira  
Muy veloces, estreitas, & compridas,  
As vellas com que vem eram de esteira,  
Dũas folhas de Palma bem tecidas:  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras acendidas  
Ao mundo deu, de ousado, & nam prudente,  
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodam vinham vestidos,  
De varias cores, brancos, & listrados,  
Hũs trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo ayroso sobraçados:  
Da cinta pera cima vem despidos,  
Por armas tem adagas & tarçados:  
Com toucas na cabeça, & nauegando,  
Anafis sonorosos vão tocando.

CANTO PRIMEIRO.

Cos panos, & cos braços acenauam,  
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras se inclinauam  
 Pera que junto aas llhas amainassem:  
 A gente, & marinheiros trabalhauam,  
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Nam erão ancorados, quando a gente  
 Estranha, polas cordas ja sobia,  
 No gesto ledos vem, & humanamente,  
 O Capitão sublime os recebia.  
 As mesas manda por em continente,  
 Do licor que Lico prantado auia:  
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,  
 Os de Phaeton queimados nada engeitam.

Comendo alegremente perguntauam,  
 Pela Arabica lingua, donde vinham,  
 Quem eram, de que terra, que buscauão,  
 Ou que partes do mar corrido tinham?  
 Os fortes Lusitanos lhe tornauam,  
 As discretas repostas que conuinham:  
 Os Portugueses somos do Occidente,  
 Himos buscando as terras do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Calisto,  
Toda a costa Africana rodeado,  
Diuerfos Geos, & Terras temos visto:  
Dum Rei potente somos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quisto:  
Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o Mar remoto nauegamos,  
Que so dos feos Focas se nauega:  
Mas ja razam parece que saibamos,  
Se entre vòs a verdade nam se nega:  
Quem sois, que terra he esta que habitais?  
Ou se tendes da India algũs sinais?

Somos, hum dos das Ilhas, lhe tornou,  
Estrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, sam aquelles que criou  
A Natura sem Lei, & sem Razão:  
Nos temos a Lei certa que ensinou,  
O claro descendente de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o senhorio,  
Amãy Hebreã teue, & o pay Gentio.

Esta

Esta Ilha pequena que habitamos,  
 He em toda esta terra certa escala,  
 De todos os que as Ondas nauegamos,  
 De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
 E por ser necessaria, procuramos,  
 Como proprios da terra, de habitala:  
 E porque tudo em fim vos notifique,  
 Chamase a pequena Ilha Moçambique.

Eja que de tam longe nauegais,  
 Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,  
 Piloto aqui tereis, por quem sejais  
 Guiados pelas ondas sabiamente.  
 Tambem sera bem feito que tenhais,  
 Da terra algum refresco, & que o Regente  
 Que esta terra gouerna, que vos veja,  
 E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
 A seus bateis com toda a companhia,  
 Do Capitão & gente se apartou,  
 Com mostras de deuida cortesia:  
 Nisto Febo nas agoas encerrou,  
 Co carro de Christal, o claro dia:  
 Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,  
 O largo Mundo, em quanto repossasse.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

A noyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tam remota,  
Nova de tanto tempo desejada:  
Qualquer entam consigo cuy la, & nota  
Na gente, & na maneira desusada.  
E como os que na errada Seita crerão,  
Tanto por todo o mundo se estendèram.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanhauão.  
Qual campo reuestido de boninas,  
Os furiosos ventos repousauão,  
Polas couas escuras peregrinas.  
Porem da armada a gente vigiaua,  
Como por longò tempo costumaua.

Mas asy como a Aurora marchetada,  
Os fermosos cabellos espalhou,  
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirarse toda a armada,  
E de toldos alegres se adornou:  
Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das llhas que partia.

Partia

Partia alegremente nauegando,  
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
 Com refresco da terra, em si cuidando,  
 Que sam aquellas gentes inhumanas:  
 Que os apouentos Caspios habitando.  
 A conquistar as terras Asianas  
 Vierão: & por ordem do destino,  
 O Imperio tomáram a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,  
 O Mouro, & toda sua companhia,  
 Dalhe de ricas peças hum presente,  
 Que so pera este effeito ja trazia:  
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente  
 Nam vsado licor que dá alegria.  
 Tudo o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come, & bebe.

Está a gente maritima de Luso,  
 Subida pela exarcia, de admirada,  
 Notando o estrangeiro modo, & uso,  
 E a lingoagem tam barbara, & enleada.  
 Tambem o Mouro astuto está confuso,  
 Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.  
 E perguntando tudo lhe dezia,  
 Se porventura vinham de Turquia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
Os liuros de sua ley, preceito, ou fe,  
Pera ver se conforme à sua seja,  
Ou se sam dos de Christo, como crê:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dê,  
Mostra das fortes armas de que vsauão,  
Quando cos inimigos pelejauão.

Respondeo ò valeroso Capitão,  
Por hum que a lingoa escura bem sabia:  
Darte ey Senhor illustre relação  
De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem sou da terra, nem da geraçam,  
Das gentes enojosas de Turquia:  
Mas sou da forte Europa belicosa,  
Busco as terras da India tam famosa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o visibil, & inuisibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que sente, & todo o insensibil  
Que padeceo deshonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injusta, & insufribil:  
E que do ceo aa terra em fim deceo,  
Por sobir os mortais da terra ao ceo.

Deste

CANTO PRIMEIRO: 15

Deste Deos homem, alto, & infinito,  
 Os liuros que tu pedes nam trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel, o que na alma andar deuia.  
 Se as armas queres ver, como tês dito,  
 Comprido esse desejo te seria:  
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros, amostrar as armaduras,  
 Vem arneses, & peitos reluzentes,  
 Malhas finas, & laminas seguras,  
 Escudos de pinturas diferentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, & sagittiferas aljauas,  
 Partasanas agudas, chuças brauas,

As bombas vem de fogo, & juntamente  
 As panellas sulfuneas, tam danosas,  
 Porem aos de Vulcano nam consente  
 Que dem fogo aas bombardas temerosas:  
 Porque o generoso animo, & valente,  
 Entre gentes tam poucas, & medrosas,  
 Não mostra quanto pode, & com razão,  
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.

## OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho atento,  
Humodio certo na alma lhe ficou,  
Hũa vontade mã de pensamento.  
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:  
Mas com risonho, & ledo fingimento,  
Tratallos brandamente determina,  
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podesse aa India ser leuado,  
Dizlhe, que o largo premio leuarão,  
Do trabalho que nisso for tomado.  
Prometellos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso, & tam danado:  
Que a morte se podesse neste dia,  
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanbo o odio foy, & a mã vontade,  
Que aos estrangeiros supito tomou,  
Sabendo ser sequaces da verdade,  
Que o filho de David nos ensinou,  
Os segredos daquella Eternidade,  
A quem juyzo algum nam alcançou.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partiose

Partiose nisto em fim co a companhia,  
 Das naos o falso Mouro despedido,  
 Com enganosa & grande cortesia,  
 Com gesto ledo a todos, & fingido:  
 Cortaram os bateis a curta via  
 Das agoas de Neptuno, & recebido  
 Na terra do obsequente ajuntamento,  
 Se foy o Mouro ao cognito aposento.

Do claro assento Etereo, o gram Tebano,  
 Que da paternal coxa foy nascido,  
 Olhando o ajuntamento Lusitano,  
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:  
 No pensamento cuyda hum falso engano  
 Com que seja de todo destruydo.  
 E em quanto isto so na alma imaginaua  
 Configo estas palauras praticaua.

Esta do fado ja determinado,  
 Que tamanhas victorias tam famosas,  
 Ajam os Portugueses alcançado,  
 Das Indianas gentes belicosas.  
 E eu so filho do Padre sublimado,  
 Com tantas qualidades generosas:  
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça  
Outrem, porquem meu nome se escureça?  
La quiserão

OS LYSIADAS DE L. DE CAI

La quizeram os Deoses que tiuesse,  
O filho de Filipo nesta parte,  
Tanto poder, que tudo sometesse  
Debaixo de seu jugo, o fero Marte:  
Mas asse de soffrer que o Fado desse,  
A tam poucos tamanho esforço, & arte  
Queu co gram Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao nome Lusitano?

Não sera affy, porque antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe sera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente:  
Eu decerey aa terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Porque sempre por via yra direita,  
Quem do oportuno tempo se aproueita.

Isto dizendo yrado, & quasi insano,  
Sobre a terra Affricana descendeo,  
Onde vestindo a forma & gesto humano,  
Pera o Prasso sabido se moueo.  
E por milhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se conuerteo,  
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
Velho, sabio, & co Xequie muy valido.

E entrando

CANTO PRIMEIRO. 14

Entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,  
A sua falsidade acomodadas,  
Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
Estas que ora de nouo sam chegadas:  
Que das nações na costa moradoras,  
Correndo a fama veio, que roubadas  
Forão por estes homẽs que passauam,  
Que com pactos de paz sempre ancorauam.

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
Que quasi todo o mar tem destruido,  
Com roubos, com incendios violentos:  
E trazem ja de longe engano vrdido,  
Contra nõs, & que todos seus intentos  
Sam pera nos matarem, & roubarem,  
E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,  
De vir por agoa a terra muito cedo,  
O Capitão dos seus acompanhado,  
Que da tençam danada nasce o medo:  
Tu deues de yr tambem cos teus armado  
Esperallo em cilado, occulto & quedo:  
Porque saindo a gente descuydada,  
Cairão facilmente na cilada.

E se inda

E se inda nam ficarem deste geito,  
 Destruydos, ou mortos totalmente,  
 Eu tenho imaginada no conceito,  
 Outra manha & ardil que te contente:  
 Mandalhe dar Piloto, que de geito  
 Seja astuto no engano, & tam prudente,  
 Que os leue aonde sejam destruydos,  
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
 O Mouro nos taes casos, sabio & velho  
 Os braços pelo collo lhe lançou,  
 Agradecendo muito o tal conselho:  
 E logo nesse instante concertou,  
 Pera a guerra o beligero aparelho:  
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
 Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,  
 Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,  
 Sagaz, astuto, & sabio em todo dano,  
 De quem fiar se possa hum feito grande,  
 Dizlhe que acompanhando o Lusitano,  
 Por tais costas, & mares co elle ande:  
 Que se daqui escapar, que la diante  
Va cair onde nunca se alevante.

Ia o rayo Apolineo visitaua,  
 Os Montes Nabatheos acendido,  
 Quando Gama cos seus determinau  
 De vir por agoa a terra apercebido:  
 A gente nos bateis se concertaua,  
 Como se fosse o engano ja sabido:  
 Mas pode sospeitarse facilmente,  
 Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
 De antes pelo Piloto necessario:  
 E foilhe respondido em som de guerra,  
 Caso do que cuidaua muy contrario:  
 Por isto, & porque sabe quanto erra,  
 Quem se crê de seu perfido aduersario,  
 Apercebido vay como podia,  
 Em tres bateis samente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
 Por lhe defender a agoa desejada,  
 Hum de escudo embarçado, & de azagaya,  
 Outro de arco encuruado, & seta eruada:  
 Esperão que a guerreira gente saye,  
 Outros muytos ja postos em cillada.  
 E porque o caso leue selhe faça,  
 Poem hūs poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Andão pela ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a astea perigosa,  
Os fortes Portuguezes incitando:  
Nam soffre muito a gente generosa,  
Andarlhe os cães os dentes amostrando.  
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O Touro busca, & pondo se diante,  
Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroce nesse instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Derriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis fogo se levanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado espanta.  
Ferido o ar retumba, & assouia:  
O coraçam dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria.  
La foge o escondido de medroso,  
E morre o descuberto auenturoso.

Não

Não se contenta a gente Portuguesa:  
 Mas seguindo a victoria estroe, & mata  
 A pouoçam sem muro, & sem defesa,  
 Esbombardea, acende, & desbarata.  
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprala mais barata:  
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
 O velho Inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,  
 Sem força, de couarde, & de apressado,  
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,  
 Dalbe armas o furor desatinado:  
 Ia a Ilha, & todo o mais, deseparando,  
 Aa terra firme foge amedrontado.  
 Passa, & corta do mar o estreito braço,  
 Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Hús vão nas almàdias carregadas,  
 Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se affoga nas ondas encurvadas,  
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:  
 Arrombão as meudas bombardadas  
 Os Pangaiois sotis da bruta gente.  
 Desta arte o Portugues em fim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tornam victoriosos pera a armada,  
Co despojo da guerra, & rica presa,  
E vão a seu prazer fazer agoada,  
Sem achar resistencia, nem defesa,  
Ficava a Maura gente magoada,  
No odio antigo, mais que nunca acesa.  
E vendo sem vingança tanto dano,  
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquella inica terra,  
Sem ser dos Lusitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe manda guerra:  
Porque o Piloto falso prometido,  
Que toda a mátençam no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandava,  
Como em final das pazes que trataua.

O Capitam, que ja lhe entam conuinha,  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo concertado, & ventos tinba,  
Pera yr buscar o Indo desejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy delle alegremente agasalhado:  
E respondendo ao mensageiro, atento  
Aas vellas manda dar ao largo vento.

CANTO PRIMEIRO. 17

Desta arte despedida a forte armada,  
 As ondas de Anfitrite diuidia,  
 Das filhas de Nerèo acompanhada,  
 Fiel, alegre, & doce companhia,  
 O Capitam, que nam cabia em nada,  
 Do enganoso ardil que o Mouro vrdia:  
 Delle muy largamente se informaua,  
 Da india toda, & costas que passaua.

Mas o Mouro instruido nos enganos,  
 Que o maleuolo Baco lhe ensinara  
 De morte, ou captineiro novos danos,  
 Antes que aa India chegue lhe prepara,  
 Dando razam dos portos Indianos,  
 Tambem tudo o que pede lhe declara:  
 Que auendo por verdade o que dizia,  
 De nada a forte gente se temia.

E dizlhe mais co falso pensamento,  
 Com que Synon os Phrigios enganou,  
 Que perto estã hũa Ilha, cujo assento,  
 Pouo antigo Christão sempre abitou:  
 O Capitão que a tudo estaua a tento,  
 Tanto co estas nouas se alegrou,  
 Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
 Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Christão lhe manda e pede,  
Que a Ilha he possuida da malina  
Gente, que segue o torpe Mahamede:  
Aqui o engano e morte lhe imagina,  
Porque em poder e forças muito excede  
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama  
Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:  
Mas a Deosa em Cythere celebrada,  
Vendo como deixava a certa rota,  
Por yr buscar a morte não cuidada,  
Nam consente que em terra tam remota  
Se perca a gente della tanto amada.  
E com ventos contrarios a desuia,  
Donde o Piloto falso a leua, e guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,  
Tal determinaçam levar a vante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em seu proposito constante,  
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
Os leuarão por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
Eram Christãos com Mouros juntamente.

Tambem

CANTO PRIMEIRO. 18

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
 Como por regimento em fim leuaua,  
 Que aqui gente de Christo nam auia:  
 Mas a que a Mahamede celebraua.  
 O Capitam que em tudo o Mouro cria,  
 Virando as vellas, a Ilha demandaua:  
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,  
 Nam entra pela barra, e surge fora.

Estaua a Ilha aà terra tam chegada,  
 Que hum estreito pequeno a diuidia,  
 Hüa cidade nella situada,  
 Que na frente do mar aparecia,  
 De nobres edificios fabricada,  
 Como por fora, ao longe descobria,  
 Regida por hum Rei de antiqua idade,  
 Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

E sendo a ella o Capitam chegado,  
 Estranhamente ledo, porque espera  
 De poder ver o pouo baptizado,  
 Como o falso Piloto lhe dissera:  
 Eis vem bateis da terra com recado  
 Do Rei, que ja sabia a gente que era,  
 Que Baco muito de antes o auisara,  
 Na forma doutro Mouro que tomara.

C 2 O recado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os pensamentos eram de inimigos,  
Segundo foy o engano descuberto.  
O grandes & grauíssimos perigos,  
O caminho de vida nunca certo.  
Que aonde a gente poem sua esperança,  
Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade auorrecida:  
Onde pode acolherse hum fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida?  
Que não se arme, & se indigne o ceo sereno  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

 Canto Segundo.


A neste tempo o

lucido Planeta,

Que as horas vay do dia distin-  
guindo,

Chegava aa desejada, & lenta Meta,

A luz celeste aa gentes encobrando:

E da casa maritima secreta,

Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrído

Quando as fingidas gentes se chegarão

Aas naos, que pouco avia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,

O mortifero engano, assi dezia:

Capitam valeroso, que cortado

Tens de Neptuno o reyno, & salsa via,

O Rei que manda esta Ilha aluoroçado

Da vinda tua tem tanta alegria,

Que nam deseja mais que agasalharte,

Verte, & do necessario reformarte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E porque está em extremo desejofo  
De te ver, como cousa nomeada,  
Te roga que de nada receoso,  
Entres a barra, tu com toda armada:  
E porque do caminho trabalhoso,  
Traras a gente debil, & cansada,  
Diz que na terra podes reformala,  
Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercadoria,  
Que produze o aurifero Leuante,  
Canella, Crauo, ardente especiaria,  
Ou Droga salutifera, & prestante:  
Ou se queres luzente pedraria,  
O Rubi fino, o rigido diamante:  
Daqui leuaras tudo tam sobejo,  
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitam responde,  
As palavras do Rei agradecendo,  
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,  
Nam entra pera dentro obedecendo,  
Porem que como a luz mostrar por onde  
Va sem perigo, a frota nam temendo,  
Comprirá sem receio seu mandado,  
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalhe

CANTO SEGUNDO. 12

Perguntalhe despois, se estam na terra  
 Christãos, como o Piloto lhe dezia,  
 O mensageiro astuto que nam erra,  
 Lhe diz, que a mais da gēte em Christo cria:  
 Desta sorte do peito lhe desterra  
 Toda a sospeita, & cauta fantasia:  
 Por onde o Capitam seguramente,  
 Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,  
 Por culpas, & por feitos vergonhosos,  
 Porque podessem ser auenturados  
 Em casos desta sorte duuidosos:  
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
 Porque notem dos Mouros enganosos,  
 A Cidade, & poder, & porque veção,  
 Os que Christãos, que so tanto ver deseção.

E por estes ao Rei presentes manda,  
 Porque a boa vontade que mostrava,  
 Tenha firme, segura, limpa, & branda,  
 A qual bem ao contrario em tudo estava.  
 Ia a companhia perfida, enefanda  
 Das naos se despedia, & o mar cortava,  
 Foram com gestos ledos, & fingidos,  
 Os dous da frota em terra recebidos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E despois que ao Rei apresentaram,  
Corecado os presentes que trazião,  
A Cidade correram, & notarão  
Muito menos daquillo que querião,  
Que os Mouros cautelosos se guardàram  
De lhe mostrarem tudo o que pedião.  
Que onde reina a malicia, està o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquella que sempre a mocidade,  
Tem no rosto perpetua, & foy nascido  
De duas mãis: que vrdia a falsidade,  
Por ver o nauegante destruydo:  
Estava nũa casa da Cidade,  
Com rosto humano, & habito fingido,  
Mostrandose Christão, & fabricaua  
Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada  
Do alto & Sancto Spirito a pintura,  
A candida Pombinha debuxada,  
Sobre a vnica Fenix Virgem pura,  
A companhia sancta està pintada,  
Dos doze tam toruados na figura,  
Como os que, so das lingoas que cayrão,  
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
 Onde com este engano Baco estava,  
 Poem em terra os gíolhos, & os sentidos  
 Naquelle Deos, que o mundo governava  
 Os cheiros excellentes produzidos,  
 Na Panchaia odorifera queimava  
 O Thioneu, & assi por derradeiro  
 O falso Deos adora o Verdadeiro.

Aqui foram denoite agasalhados,  
 Com todo o bom, & honesto tratamento  
 Os dous Christãos, nam vendo que enganado  
 Os tinha o falso, & sancto fingimento:  
 Mas assi como os rayos espalhados  
 Do Sol foram no mundo, & num momento,  
 Apareceo no rubido Orizonte,  
 Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornam da terra os Mouros co recado,  
 Do Rei, pera que entrassem, & consigo  
 Os dous que o Capitam tinha mandado,  
 A quem se o Rei mostrou sincero amigo:  
 E sendo o Portugues certificado,  
 De nam auer receyo de perigo.  
 E que gente de Christo em terra avia,  
 Dentro no falso rio entrar queria.

Dizem

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra virão,  
Sacras aras, & sacerdote sancto,  
Que ali se agasalhárão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
E que no Rei, & gentes nam sentirão  
Senam contentamento, & gosto tanto:  
Que nam podia certo auer sospeita.  
Nũa mostra tam clara, & tam perfeita.

Cõ isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que subiam,  
Que leuemente hum animo se fia,  
De mostras que tão certas pareciam:  
A nao da gente perfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos que traziam:  
Alegres vinhão todos, porque crem  
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauam,  
Armas, & monições, que como vissem  
Que no Rio os nauios ancorauam  
Nelles ousadamente se sobissem:  
E nesta treizam determinauam,  
Que os de Luso de todo destruissem:  
E que incautos pagassem deste geito  
O mal que em Moçambique tinham feito.

As ancoras tenaces vão levando,  
 Com a nautica grita costumada,  
 Da proa as vellas sos ao vento dando,  
 Inclinam pera a barra abalisada:  
 Mas a linda Ericina, que guardando  
 Andava sempre a gente assinalada:  
 Vendo a cilada grande, e tam secreta,  
 Voa do ceo ao mar como hũa jeta.

Conuoca as aluas filhas de Nerèo,  
 Com toda a mais cerulea companhia,  
 Que porque no salgado mar nasceo,  
 Das agoas o poder lhe obedecia.  
 E propondo-lhe a causa a que deceo,  
 Com todos juntamente se partia:  
 Pera estoruar que a armada nam chegasse,  
 Aonde pera sempre se acabasse.

Ia na agoa erguendo vão com grande pressa,  
 Com as argenteas caudas branca escuma,  
 Cloto co peito eorta, e atraueffa  
 Com mais furor o mar do que costuma.  
 Salta Nise, Nerine se arremessa,  
 Por cima da agoa crespa, em força summa.  
 Abrem caminho as ondas encuruadas,  
 De temor das Nereidas apressadas.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceto,  
Vay a linda Dione furiosa,  
Nam sente quem a leua o doce peso,  
De soberbo, com carga tam fermosa:  
la chegão perto donde o vento teso.  
Enche as vellas da frota belicosa.  
Repartense, & rodeão nesse instante  
As naos ligeiras que hião por diante.

Poemse a Deosa com outras em direito  
Da proa capitaina, & ali fechando,  
O caminho da barra estão de geito,  
Que em vão assopra o vento, a vella inchãdo:  
Poem no madeiro duro o brando peito,  
Pera detras a forte nao forçando.  
Outras em derredor leuandoa estãdo,  
E da barra inimiga a desuiaũdo.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,  
Leuando o peso grande acomodado,  
As forças exercitam, de inimigas,  
Do inimigo Inverno congelado:  
Ali sam seus trabalhos, & fadigas,  
Ali mostram vigor nunca esperado.  
Tais andauão as Nymphas estorquando  
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

Torna pera detras a Nao forçada,  
A pesar dos que leua, que gritando,  
Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
O leme a hũ bordo, & a outro atraueſſando,  
O Meſtre aſtuto em vão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
O eſtaua hum maritimo penedo,  
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

A celeuma medonha ſe aleuanta,  
No rudo Marinheiro que trabalha,  
O grande eſtrondo a Maura gente eſpanta,  
Como ſe viſſem horrida batalha:  
Nam ſabem a razam de furia tanta,  
Nam ſabem neſta preſſa quem lhe valha:  
Cuydão que ſeus enganos ſam ſabidos,  
E que ande ſer por iſſo aqui punidos.

Eilos ſubitamente ſe lançaõ,  
A ſeus bateis veloces que trazião,  
Outros encima o mar aleuantaõ,  
Saltando nagoa a nado ſe acolhião:  
De hum bordo & doutro ſubito saltauão,  
Que o medo os compelia do que vião.  
Que antes querem ao mar auenturarſe,  
Que nas mãos inimigas entregarſe.

OS LUSIADAS DE L: DE CAM

Aſſi como em ſeluatICA alogoa,  
As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
Se ſentem por ventura vir peſſoa,  
Eſtando fora da agoa incautamente,  
Daqui, & dali ſaltando, o charco ſoa,  
Por fogir do perigo que ſe ſente,  
E acolhendose ao couto que conbecem,  
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Aſſi fogem os Mouros, & o Piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiãra,  
Crendo que ſeu engano eſtaua noto,  
Tambem foge ſaltando na agoa amara:  
Mas por nam darem no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce, & cara:  
A ancora ſolta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a eſtranbeza  
Dos Mouros, não cuidada, & juntamente,  
O Piloto fogir lhe com preſteza,  
Entende o que ordenaua a bruta gente,  
E vendo ſem contraſte, & ſem braveza  
Dos ventos, ou das agoas ſem corrente,  
Que a Nao paſſar auante não podia,  
Auendo o por milagre aſſi dizia.

O caſo

O caso grande, estranho, & não cuydado  
 O milagre clarissimo, & euidente,  
 O descuberto engano inopinado,  
 O perfida inimiga, & falsa gente,  
 Quem poderà do mal aparelhado  
 Liurar-se sem perigo sabiamente.  
 Se la de cima a guarda soberana,  
 Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,  
 Destes portos a pouca segurança,  
 Bem claro temos visto na apparencia,  
 Que era enganada a nossa confiança:  
 Mas pois saber humano, nem prudencia  
 Enganos tão fingidos não alcança:  
 O tu guarda diuina, tem cuidado  
 De quem sem ti não pòde ser guardado.

E se te moue tanto a piedade,  
 Desta misera gente peregrina,  
 Que so por tua altissima bondade,  
 Da gente a saluas, perfida & malina,  
 Nalgum porto seguro de verdade:  
 Conduzirnos ja agora determina,  
 Ou nos amostra a terra que buscamos,  
 Pois so por teu serviço nauégamos.

Quuiolhe

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ouvio-lhe estas palavras piadosas,  
A fermosa Dione, & comovida,  
Dantre as Nymphas se vay, que saudosas  
Ficarão desta subita partida:  
La penetra as Estrellas luminosas,  
La na terceyra Esphera recebida:  
Auante passa, & la no sexto ceo,  
Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho,  
Tam fermosa no gesto se mostraua,  
Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho  
E tudo quanto a via namoraua  
Dos olhos, onde faz seu filho oninho  
Hūs espiritos viuos inspiraua,  
Com que os Polos gelados acendia,  
Etornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foy sempre amada, & cara  
Se lhapresenta assy como ao Troyano,  
Na selua Ideia ja se apresentara:  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
Nunca os famintos galgos o matarão,  
Que primeiro desejos o acabarão.

Os crešpos

CANTO SEGUNDO. 37

Os crespos fios d'ouro se esparziam  
 Pelo colo, que a neve escurecia,  
 Andando as lacteas tetas lhe tremiam,  
 Com quem Amor brincava, e nam se via.  
 Da alua petrina flamas lhe saiam,  
 Onde o Minino as almas acendia.  
 Polas lisas colunas lhe trepauão,  
 Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,  
 De quem vergonha he natural reparo,  
 Porem nem tudo esconde, nem descobre  
 O veo dos roxos lirios pouco auaro:  
 Mas pera que o desejo acenda, e dobre,  
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.  
 Ia se sentem no ceo, por toda a parte,  
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte,

E mostrando no angelico semblante,  
 Coriso hũa tristeza misturada,  
 Como dama que foi do incauto amante,  
 Em brincos amorosos mal tratada,  
 Que se aqueixa, e se ri, nũ mesmo instante,  
 E se torna entre alegre magoada.  
 Desta arte a Deosa, a quem nenbũa iguala,  
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CA!

Sempre eu cuidey, ò Padre poderoso,  
Que pera as cousas, que eu do peito amasse  
Te achasse brando, affabil, & amoroso.  
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:  
Mas pois que contra my te vejo yroso,  
Sem que to merecesse, nem te errasse.  
Façase como Baco determina,  
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,  
As lagrimas que em ṽão caidas vejo,  
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo:  
Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
E contra minha dita em fim pelejo.  
Ora pois porque o amo he mal tratado,  
Querolhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy: & misto de mimosa  
O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
Como co orualho fica a fresca rosa  
Calada hum pouco, como se entre os dentes  
Lhe impedira a falla piadosa.  
Torna a seguila, & indo por diante,  
Lhe atalha o poderoso, & gram Tonante.  
E destas

CANTO SEGVNDO. 21

E destas brandas mostras comouido,  
Que moueram de hum Tigre o peito duro,  
Co vulto alegre, qualdo Ceo sobido,  
Torna sereno & claro o ar escuro.  
As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
Na face a beija, & abraça o colo puro.  
De modo que dali, se so se achára,  
Outro nouo Cupido se geràra.

E co seu apertando o rosto amado,  
Que os saluços, & lagrimas aumenta,  
Como minino da ama castigado,  
Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,  
Por lhe por em sossego o peito yrado,  
Muitos casos futuros lhe apresenta.  
Dos fados as entranhas reuoluendo,  
Desta maneira em fim lhe está dizendo.

Fermosa filha minha nam temais  
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,  
Nem que ninguem comigo possa mais,  
Que esses chorosos olhos soberanos:  
Que eu vos prometo filha que vejais  
Esquecerense Gregos & Romanos.  
Pelos illustres feitos que esta gente,  
Ha de fazer nas partes do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se o facundo Vlysses escapou,  
De ser na Ogigia Ilha, eterno escravo:  
E se Antenor os seios penetrou,  
Iliricos, & a fonte de Timaou.  
E se o piadoso Eneas nauegou,  
De Scila, & de Caribdis o mar brauo.  
Os vossos mōres cousas atentando,  
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, cidades, & altos muros,  
Por elles vereis filha edificados:  
Os Turcos belacissimos & duros,  
Delles sempre vereis desbaratados.  
Os Reis da India liures, & seguros,  
Vereis ao Rei potente sojugados.  
E por elles de tudo em fim senhores,  
Seram dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,  
Por tantos medos o Indo vay buscando,  
Tremor delle Neptuno de medroso,  
Sem vento suas agoas encrespando.  
O caso nunca visto, & milagroso,  
Que trema, & ferua o Mar em calma estado  
O gente forte, & de altos pensamentos,  
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis

CANTO SEGVNDO. 27

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,  
 Que inda ha de ser hum porto muy decento,  
 Em que vão descansar da longa via,  
 As naos que nauegarem do Occidente.  
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia,  
 O mortifero engano, obediente,  
 Lhe pagará tributos, conhecendo,  
 Nam poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,  
 Tornar selhe amarello de infiado:  
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, & sojugado.  
 Ali vereis o Mouro furioso,  
 De suas mesmas setas traspassado.  
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,  
 Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que dons cercos terá, dos vossos sendo,  
 Ali se mostrará seu preço, & sorte,  
 Feitos de armas grandissimos fazendo:  
 Enuejoso vereis o gram Mauorte,  
 Do peito Lusitano, fero & horendo.  
 Do Mouro ali veram que a voz extrema  
 Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual virà despois a ser senhora,  
De todo o Oriente, & sublimada  
Cos triumphos da gente vencedora.  
Ali soberba altiva, & exalçada,  
Ao Genticio que os Idolos adora.  
Duro freo porà, & a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentarse,  
De Cananor, com pouca força & gente:  
E vereis Calecu desbaratar-se,  
Cidade populosa, & tam potente.  
E vereis em Cochim asbinalarse,  
Tanto hum peito soberbo, & insolente,  
Que Cítara ja mais cantou victoria,  
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,  
Se vio feruer Leucate, quando Augusto  
Nas ciuís Aethias guerras animoso,  
O Capitam venceo Romano injusto,  
Que dos ponos de Aurora, & do famoso  
Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,  
A victoria trazia, & presa rica,  
Preso da Egipcia linda, & nam pudica.

Como

CANTO SEGUNDO.

28

Como vereis o mar feruendo aceso,  
 Cos incendios dos vossos pelejando,  
 Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,  
 De nações diferentes triumphando.  
 E sogeita a rica Aureo Chersoneso,  
 Ate o longico China n'uegando.  
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
 Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,  
 Amstrarão esforço mais que humano,  
 Que nunca se vera tam forto peito,  
 Do Gantico mar ao Geditano,  
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
 Que mostrou o agrauado Lusitano:  
 Posto que em todo o mundo, de affrontados  
 Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado  
 Filho de Maria aa terra, por que tenha  
 Hum pacifico porto, & sossegado,  
 Pera onde sem receyo a frota venha.  
 E pera que em Mombaça, auenturado  
 O forte Capitam se nam detenha,  
 Lbe manda mais, q̄ em sonhos lbe mostrasse  
 A terra, onde quieto repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

La pelo ar o Cylenèo voaua,  
Com as asnas nos pès aa terra deçe,  
Sua vara fatal na mão leuaua,  
Com que os olbos cansados adormece:  
Com esta, as tristes almas renocaua,  
Do Inferno, & o vento lhe obedece.  
Na cabeça o galêro costumado,  
E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,  
Do Lusitano, o preço grande & raro,  
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,  
E faz a quem o tem, amado & caro.  
Desta arte vay fazendo a gente amiya,  
Co rumor famosissimo, & perclaro.  
La Melinde em desejos arde todo,  
De ver da gente forte o gesto & modo.

Dali pera Mombaca logo parte.  
Aonde as naos estauão temerosas,  
Pera que aa gente mande que se aparte,  
Da barra imiga, & terras sospeitosas:  
Porque muy pouco val esforço & arte,  
Contra infernais vontades enganosas:  
Pouco val coraçam, astucia, & siso,  
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo caminho a noite tinha andado,  
 E as Estrellas no Ceo co a luz albeia,  
 Tinham o largo Mundo alumiado,  
 E so co sono a gente se recreia.  
 O Capitam illustre, ja cansado,  
 De vigiar a noite que arreceia,  
 Breue repouso entam aos olhos daua,  
 A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,  
 Dizendo , fuge, fuge Lusitano,  
 Da cilada que o Rei maluado teçe,  
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
 Fuge, que o vento, & o Ceo te fauorece,  
 Sereno o tempo tês, & o Oceano,  
 E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
 Onde podes seguro agasalharte.

Nam tens aqui senão aparelhado,  
 O hospicio que o cru Diomedes daua,  
 Fazendo ser manjar acostumado,  
 De cauallos a gente que hospedaua:  
 As aras de Busiris infamado,  
 Onde os hospedes tristes imolaua.  
 Teras certas aqui, se muito esperas,  
 Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Vaite ao longo da costa discorrendo,  
E outra terra acharas de mais verdade,  
La quasi junto donde o Sol ardendo,  
Iguala o dia, & noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo  
Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
Gasalhado seguro te daria,  
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua  
Ao Capitam, que com muy grande espanto  
Acorda, & ve ferida a escura treua,  
De hũa subita luz, & rayo sancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Nam se deter na terra iniqua tanto.  
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,  
Que as vellas desse ao vento que assoprava.

Day vellas, disse, day ao largo vento,  
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,  
Que hum mensageiro vi do claro assento  
Que so em fauor de nossos passos anda:  
Aleuantase nisto o mouimento  
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda  
Leuam gritando as ancoras acima  
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste

Neste tempo, que as ancoras leuauam,  
 Na sombra escura os Mouros escondidos,  
 Mansamente as amarras lhe cortauam,  
 Por serem, dando aa costa, destruydos:  
 Mas com vista de Lincez vigiauaam,  
 Os Portugueses sempre apercebidos.  
 Elles como acordados os sentiram,  
 Voando, e nam remando lhe fogiram.

Mas ja as agudas proas apartando,  
 Hião as vias humidas de argento,  
 Assopralhe galerno o vento, e brando,  
 Com suaue e seguro mouimento,  
 Nos perigos passados vam fallando,  
 Que mal se perderám do pensamento,  
 Os casos grandes, donde em tanto aperto  
 A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,  
 E noutra começaua, quando viram  
 Ao longe dous nauics, brandamente  
 Cos ventos nauegando, que respiram,  
 Porque auiam de ser da Maura gente,  
 Pera elles arribando, as vellas viram.  
 Hum de temor do mal que arreceaua,  
 Por se saluar a gente aa costa daua.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não he o outro que ficatam manhoso:  
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
Sem o rigor de Marte surioso,  
E sem a furia horrenda de Vulcano,  
Que como fosse debil & medroso,  
Da pouca gente o fraco peito humano:  
Nam teue resistencia, & se a tiuera  
Mais dâno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejaſſe,  
Piloto pera a India que buscaua,  
Cuidou que entre estes Mouros o tomassê:  
Mas nam lhe soccedeo como cuidaua,  
Que nenhun delles ha que lhe insinasse  
A que parte dos Ceos a India estaua.  
Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
Melinde onde acharâm Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,  
Condiçam liberal, sincero peito,  
Magnificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandissimo respeito.  
O Capitam o assella por verdade,  
Porque ja lho dissera deste geito,  
O Cyleneo em sonhos, & partia,  
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

Era no tempo alegre quando entrava,  
 No roubador de Europa a luz Febea,  
 Quando hum, & o outro corno lhe aquêtava,  
 E Flora derramava o de Almathea:  
 A memoria do dia renouava,  
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea.  
 Em que aquelle, a quem tudo està fogueito,  
 O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota aaquella parte,  
 Onde o Reino Melinde ja se via,  
 De toldos adornada, & leda de arte,  
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:  
 Treme a Bandeira, voa o Estandarte,  
 A cor porpurea ao longe aparecia.  
 Soão os atambores & pandeiros,  
 E assi entrauam ledos & guerreiros.

Enchese toda a praya Melindana,  
 De gente que vem ver a leda armada,  
 Gente mais verdadeira, & mais humana  
 Que toda a doutra terra atras deixada.  
 Surge diante a frota Lusitana,  
 Pega no findo a ancora pesada.  
 Mandão fora hũ dos Mouros que tomãram,  
 Por quem sua vinda ao Rei manifestãram.

O Rei

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

O Rei que ja sabia da nobreza  
que tanto os Portugueses engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
quanto a gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza,  
que os peitos generosos ennobrece.  
Lhe manda rogar muito que saiffem,  
Pera que de seus Reinos se seruiffem.

Sam offercimentos verdadeiros,  
E palauras sinceras, nam dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,  
que tanto mar & terras tem passadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinbas domesticas ceuadas,  
Com as fructas que entam na terra ania,  
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitam alegremente  
O mensageiro ledo, & seu recado,  
E logo manda ao Rei outro presente,  
que de longe trazia aparelhado:  
Escarlata purpurea, cor ardente,  
O ramoso coral fino, & prezado.  
que debaxo das agoas mole crece,  
E como he fora dellas se endurece.

E manda

Manda mais hum na pratica elegante,  
 que co Rei nobre as pazes concertasse,  
 E que de nam sair naquelle instante,  
 De suas naos em terra o desculpasse.  
 Partido assi o embaixador prestante,  
 Como na terra ao Rei se apresentasse:  
 Com estillo que Palas lbe ensinava,  
 Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
 Foy da suma lustiça concedido,  
 Refrear o soberbo pouo duro,  
 Nam menos delle amado que temido,  
 Como porto muy forte, & muy seguro,  
 De todo o Oriente conbecido:  
 Te vimos a buscar, pera que achemos  
 Em ti o remedio certo que queremos.

Nam somos roubadores, que passando  
 Pelas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro, & a fogo, as gentes vão matando,  
 Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
 Mas da soberba Europa nauegando,  
 Himos buscando as terras apartadas  
 Da India grande & rica, por mandado  
 De hum Rei que temos, alto, & sublimado.  
 Que

OS LUSTIADAS DE L. DE CA.

Que geraçam tam dura ahí de gente?  
Que barbaro costume, & vsança fea,  
Que não vedem os portos, tam semente:  
Mas inda o hospício da deserta area?  
Que ma tençam? que peito em nós se sente?  
Que de tam pouca gente se arrecea.  
Que com laços armados tam fingidos,  
Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
Achar se mais verdade, ó Rei benigno,  
E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
A teu porto seguros nauegamos,  
Conduzidos do Interprete diuino.  
Que pois a ti nos manda, está muy claro,  
Que es de peito sincero, humano, & raro.

Enam cuydes, ó Rei, que nam saisse,  
O nosso Capitam esclarecido  
A verte, ou a seruirte, porque visse,  
Ou sospeitasse em ti peito fingido:  
Mas saberas que o fez porque comprisse,  
O regimento em tudo obedecido,  
De seu Rei, que lhe manda que nam saia,  
Deixando a frota em nenhū porto, ou praia.  
E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,  
 Que os membros tem regidos da cabeça,  
 Nam quereras, pois tês de Rei o officio,  
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:  
 Mas as merces, & o grande beneficio,  
 Que ora acha em ti, promete que conheça,  
 Em tudo aquillo que elle & os seus poderem  
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,  
 Hús com outros em pratica fallando  
 Louuauam muito o estamago da gente,  
 Que tantos ceos & mares vai passando,  
 E o Rei illustre, o peito obediente,  
 Dos Portugueses, nã alma imaginando.  
 Tinha por valor grande, & muy subido,  
 O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,  
 Responde ao Embaixador, que tãto estima  
 Toda a sospeita mà tiray do peito,  
 Nenhum frio temor em vos se imprima:  
 Que vosso preço, & obras sam de geito,  
 Pera vos ter o mundo em muita estima.  
 E quem vos fez molesto tratamento,  
 Nam pode ter sobido pensamento.

E      De

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

De nam sair em terra toda a gente,  
Por observar a vsuda preminencia,  
Ainda que me pese estranhamente,  
Em muito tenho a muita obediencia:  
Mas se lho o regimento nam consente,  
Nem eu consentirey que a excellencia,  
De peitos tam leais em si desfaça,  
So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada  
Ao mundo for, em minhas almadias,  
Eu irey visitar a forte armada,  
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.  
E se vier do mar desbaratada,  
Do furioso vento, & longas vias:  
Aqui tera, de limpos pensamentos  
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,  
O filho de Latona, & o mensageiro,  
Co a embaxada alegre se partia  
Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
Enchemse os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Pera acharem a terra que buscavam,  
E assi ledos a noite festejavam.

Nam

Não faltam ali os rayos de artificio,  
 Os tremulos Cometas imitando,  
 Fazem os Bombardeiros seu officio:  
 O ceo, a terra, & as ondas atroando.  
 Mostrase dos Cyclopas o exercicio,  
 Nas bombas que de fogo estão queimando,  
 Outros com vozes, com que o Ceo ferião,  
 Instrumentos altissonos tangiam.

Respondenlhe da terra juntamente,  
 Co rayo volteando, com zonido,  
 Anda em giros no ar a roda ardente,  
 Estoura o po sulfureo escondido:  
 A grita se alevanta ao Ceo, da gente,  
 O Mar se via em fogos acendido:  
 E não menos a terra, & assi festeja  
 Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
 As gentes incitava a seu trabalho,  
 E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
 Ao sono longo punha certo atalho:  
 Hiãose as sombras lentas desfazendo,  
 Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
 Quando o Rei Milindano se embarcaua  
 A ver a frota que no mar estaua.

E 2

Viãose

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vião se em derredor feruer as prayas  
Da gente, que a ver so concorre leda,  
Luzem da fina purpura as cabaias,  
Lustram os panos da tecida seda:  
Em lugar de guerreiras azagaias.  
E do arco, que os cornos arremedia  
Da Lũa, trazem ramos de Palmeira,  
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado  
Vinha de sedas de diuersas cores,  
Tras o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de seu Reino, & de senhores:  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, & primores.  
Na cabeça hũa fota guarnecida,  
De ouro, & de seda, & de algodam tecida.

Cabaya de Damascorico, & dino,  
Da Tiria cor, entre elles estimada,  
Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
Onde a materia da obra he superada,  
Cum resplendor reluze Adamantino,  
Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
Nas alparcas dos pès, em fim de tudo,  
Cobremouro, & aljofar ao veludo.

Com

CANTO SEGUNDO. 35

Com hum redondo emparo alto de seda,  
 Nua alta & dourada aſtea enxerido,  
 Hum ministro aa ſolar quentura veda,  
 Que nam offenda & queime o Rei ſobido:  
 Muſica tras na proa eſtranha & leda,  
 De aſpero ſom, horriſſimo ao ouuido:  
 De trombetas arcadas em redondo,  
 Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

Não menos guarnecido o Luſitano,  
 Nos ſeus bateis da frota ſe partia,  
 A receber no mar o Milindano,  
 Com luſtroſa & honrada companhia,  
 Veſtido o Gama vem ao modo Hiſpano  
 Mas Franceſa era a roupa que veſtia,  
 De cetim da Adriatica Veneza,  
 Carmeſi, cor, que a gente tanto preza:

De botões douro as mangas vem tomadas,  
 Onde o Sol reluzindo a viſta cega:  
 As calças ſoldadeſcas recamadas,  
 Do metal que Fortuna a tantos nega,  
 E com pontas do meſmo delicadas,  
 Os golpes do gibam ajunta, & acbega:  
 Ao Italico modo a aurea eſpada,  
 Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

E 3 Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos de sua companhia se mostrava,  
Da tinta que dá o Múrice excellente,  
A varia cor, que os olhos alegrava,  
E a maneira do trajo diferente:  
Tal o fermoso esmalte se notava,  
Dos vestidos olhados juntamente:  
Qual aparece o arco rutilante,  
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauam,  
Os animos alegres resonando,  
Dos Mouros os bateis o Mar coalbauam,  
Os toldos pelas agoas arrojando:  
As bombardas horriſſonas bramando,  
Com as nuuēs de fumo o Sol tomando,  
Ameudam se os brados acendidos,  
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

La no batel entrou do Capitam  
O Rei, que nos seus braços o leuava,  
Elle co a cortesia, que a razam  
( Por ser Rei ) requeria, lhe fallava.  
Cũas mostras de espanto, & admiraçam  
O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,  
Como quem em muy grande estima tinha  
Gente que de tam longe à India vinha.

E com

E com grandes palauras lhe offerece,  
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,  
 E que se mantimento lhe fallece,  
 Como se proprio fosse lho pedisse:  
 Dizlhe mais, que por fama hem conbece  
 A gente Lusitana, sem que a visse.  
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra  
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Africa se soa,  
 Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,  
 Quando nella ganharam a coroa  
 Do Reino, onde as Hesperidas viueram:  
 E com muitas palauras apregoa,  
 O menos que de Luso mereceram:  
 E o mais que pela fama o Rei sabia:  
 Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade  
 Rei benigno, da gente Lusitana,  
 Que com tanta miseria, & aduersidade,  
 Dos mares experimenta a furia insana,  
 Aquella alta, & diuina eternidade,  
 Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
 Pois que de ti tais obras recebemos,  
 Te pague o que nos outros nam podemos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Tu so de todos quantos queima Apolo,  
Nos recebes em paz do Mar profundo  
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
Refugio achamos bom, fido & jocundo:  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,  
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria  
Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vam remando,  
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,  
Vam as naos, hũa & hũa rodeando,  
Porque de todas tudo note, & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja,  
E as trombetas canoras lhe tangiam,  
Cos anafis os Mouros respondiam.

Mas deſpois de ser tudo ja notado,  
Do generoso Mouro, que pasmaua,  
Ouuindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostraua,  
Mandaua estar quieto, & ancorado,  
Nagoa o batel ligeiro que as leuana,  
Por fallar de vagar co forte Gama,  
Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mouro differentes,  
 Se deleitava, perguntando agora,  
 Pelas guerras famosas & excellentes,  
 Co pouo auidas, que a Mafoma adora:  
 Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hispheria vltima, onde mora:  
 Agora pelos pouos seus vezinhos,  
 Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitam,  
 Nos conta, lhe dizia, diligente,  
 Da terra tua o clima, & regiam,  
 Do mundo onde morais distintamente,  
 E assi de vossa antiga geraçam,  
 E o principio do Reino tam potente:  
 Cos successos das guerras do começo,  
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios  
 Longos, em que te tras o Mar yrado,  
 Vendo os costumes barbaros alheios,  
 Que a nossa Africa ruda tem criado  
 Conta: que agora vem cos aureos freios,  
 Os caualllos que o carro marchetado,  
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
 O Vento dorme, o mar & as ondas jazem.

Enam

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Enão menos co tempo se parece,  
O desejo de ouirte o que contares,  
Que quem ha, que por fama nam conhece  
As obras Portuguezas singulares:  
Nam tanto desuiado resplandece,  
Denos o claro Sol, pera julgares.  
Que os Milindanos tem tam rudo peito,  
Que nam estimem muito hum grande feito.

Cometeram soberbos os Gigantes,  
Com guerra vãõ, o olimpo claro, & puro,  
Tentou Peritbo, & Theseu, de ignorantes,  
O reino de Plutam horrendo & escuro,  
Se ouue feitos no mundo tam possantes,  
Nãõ menos he trabalho illustre, & duro  
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,  
Que outrem cometa a furia de Nereo:

Queimou o sagrado templo de Diana,  
Do sotil Tesifonio fabricado,  
Horostrato, por ser da gente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem com tais obras nos engana,  
O desejo de hum nome auentajado.  
Mais razam ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tam dignas de memoria.  
Fim.

 Canto Terceiro.


Gora tu Caliope

me ensina,

O que contou ao Rei, o illustre

Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,  
 Neste peito mortal, que tanto te ama.  
 Aß: o claro inuentor da Medicina,  
 De quem Orpheo pariste, o linda dama:  
 Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothõe  
 Te negue o Amar diuido como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,  
 Como merece a gente Lusitana,  
 Que veja & saiba o mundo que do Tejo  
 O licor de Aganipe corre & mana,  
 Deixa as flores de Pindo, que ja vejo  
 Banbar me Apolo na agoa soberana.  
 Senam direy, que tēs algum receio,  
 Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauam todos escuitando,  
O que o sublime Gama contaria  
Quando, de spois de hum pouco estar cuidãdo  
Aleuantando o rosto, assi dizia:  
Mandasme, o Rei, que conte declarando,  
De minha gente a gram geanalosia:  
Nãõ me manda cantar estranha historia:  
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,  
Cousa he que se costuma, & se deseja:  
Mas louuar os meus proprios, arreceio,  
Que louuor tam sospeito mal me esteja,  
E pera dizer tudo, temo & creio,  
Que qualquer longo tempo curto seja:  
Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
He nam poder mentir no que disser,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas porque niõto a ordem leue & siga,  
Segundo o que desejas de saber.  
Primeiro tratarey da larga terra,  
De spois direy da sanguinosa guerra.

Entre

A PRIMEIRA EDIÇÃO

DOS

# LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA

DE

LUIZ DE CAMÕES

(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.

(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 2

*Especie* Simbo

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO

POR

J. E. DOS SANTOS

LISBOA — 1886





# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14\$100 réis, fasciculo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

» » » 94\$000 réis, fasciculo 2\$000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

» » » 94\$000 réis, fasciculo 2\$000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

» » » 47\$000 réis, fasciculo 1\$000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

» » » 47\$000 réis, fasciculo 1\$000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

» » » 37\$600 réis, fasciculo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

» » » 28\$200 réis, fasciculo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

» » » 23\$500 réis, fasciculo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

---

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da peninsula.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

---

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

---

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

---

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO  
DOS  
LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA  
DE  
LUIZ DE CAMÕES  
(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.  
(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 3

*Especie* Linho

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO  
POR  
J. E. DOS SANTOS  
LISBOA — 1886





# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14700 réis, fascículo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

» » » 947000 réis, fascículo 27000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

» » » 947000 réis, fascículo 27000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

» » » 477000 réis, fascículo 17000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

» » » 477000 réis, fascículo 17000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

» » » 377600 réis, fascículo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

» » » 287200 réis, fascículo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

» » » 237500 réis, fascículo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL : quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO

DOS

# LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA

DE

## LUIZ DE CAMÕES

(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.

(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 4

*Especie* Linbo

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO

POR

J. E. DOS SANTOS

LISBOA — 1886





# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14,700 réis, fascículo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

» » » 94,7000 réis, fascículo 2,7000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

» » » 94,7000 réis, fascículo 2,7000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

» » » 47,7000 réis, fascículo 1,7000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

» » » 47,7000 réis, fascículo 1,7000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

» » » 37,7600 réis, fascículo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

» » » 28,7200 réis, fascículo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

» » » 23,7500 réis, fascículo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

---

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

---

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

---

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

---

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO  
DOS  
LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA

DE

LUIZ DE CAMÕES

(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.

(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 5

*Especie* Linho

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO

POR

J. E. DOS SANTOS

LISBOA — 1886

LIBRARY OF THE  
MUSEUM OF NATURAL HISTORY  
LONDON

THE  
MUSEUM OF NATURAL HISTORY  
LONDON

(1880)

THE  
MUSEUM OF NATURAL HISTORY  
LONDON



# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14\$100 réis, fasciculo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

" " " 94\$000 réis, fasciculo 2\$000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

" " " 94\$000 réis, fasciculo 2\$000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

" " " 47\$000 réis, fasciculo 1\$000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

" " " 47\$000 réis, fasciculo 1\$000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

" " " 37\$600 réis, fasciculo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

" " " 28\$200 réis, fasciculo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

" " " 23\$500 réis, fasciulo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO  
DOS  
LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA  
DE  
LUIZ DE CAMÕES  
(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.  
(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 5

*Especie* lindo

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO  
POR  
J. E. DOS SANTOS  
LISBOA — 1886





# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14<sup>7</sup>100 réis, fasciculo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

” ” ” 94<sup>7</sup>000 réis, fasciculo 2<sup>7</sup>000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

” ” ” 94<sup>7</sup>000 réis, fasciculo 2<sup>7</sup>000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

” ” ” 47<sup>7</sup>000 réis, fasciculo 1<sup>7</sup>000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

” ” ” 47<sup>7</sup>000 réis, fasciculo 1<sup>7</sup>000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

” ” ” 37<sup>7</sup>600 réis, fasciculo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

” ” ” 28<sup>7</sup>200 réis, fasciculo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

” ” ” 23<sup>7</sup>500 réis, fasciculo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO

DOS

# LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA

DE

LUIZ DE CAMÕES

(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.

(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 7

*Especie* Limbo

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO

POR

J. E. DOS SANTOS

LISBOA — 1886





# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 147100 réis, fascículo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

" " " 947000 réis, fascículo 27000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

" " " 947000 réis, fascículo 27000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

" " " 477000 réis, fascículo 17000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

" " " 477000 réis, fascículo 17000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

" " " 377600 réis, fascículo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

" " " 287200 réis, fascículo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

" " " 237500 réis, fascículo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO  
DOS  
LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA  
DE  
LUIZ DE CAMÕES  
(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.  
(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 8

*Especie* Leitão

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO  
POR  
J. E. DOS SANTOS  
LISBOA — 1886

PRIMEIRA EDICAO

# LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA

DE

LUIZ DE CAMOES

1572

Escrito por

Luiz de Camões

IMPRESSA EM VIDA

DE

LUIZ DE CAMOES

1572



# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14700 réis, fascículo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

» » » 947000 réis, fascículo 27000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

» » » 947000 réis, fascículo 27000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

» » » 477000 réis, fascículo 17000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

» » » 477000 réis, fascículo 17000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

» » » 377600 réis, fascículo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

» » » 287200 réis, fascículo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

» » » 237500 réis, fascículo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

---

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

---

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

---

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

---

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO  
DOS  
LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA  
DE  
LUIZ DE CAMÕES  
(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.

(CAMÕES, *Lusiadas*).

*Fasciculo n.º* 9

*Especie* livro

FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO

POR

J. E. DOS SANTOS

LISBOA — 1886



MEMORANDUM FOR THE RECORD

DATE: [illegible]

TO: [illegible]

FROM: [illegible]

SUBJECT: [illegible]

# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14700 réis, fasciculo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

» » » 947000 réis, fasciculo 27000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

» » » 947000 réis, fasciculo 27000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

» » » 477000 réis, fasciculo 17000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

» » » 477000 réis, fasciculo 17000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

» » » 377600 réis, fasciculo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

» » » 287200 réis, fasciculo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

» » » 237500 réis, fasciculo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

---

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

---

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

---

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

---

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.

A PRIMEIRA EDIÇÃO  
DOS  
LUSIADAS

IMPRESSA EM VIDA

DE

LUIZ DE CAMÕES

(1572)

Quem não sabe a arte não a estima.

(CAMÕES, *Lusiadas*).

Fasciculo n.º 10

Especie linho

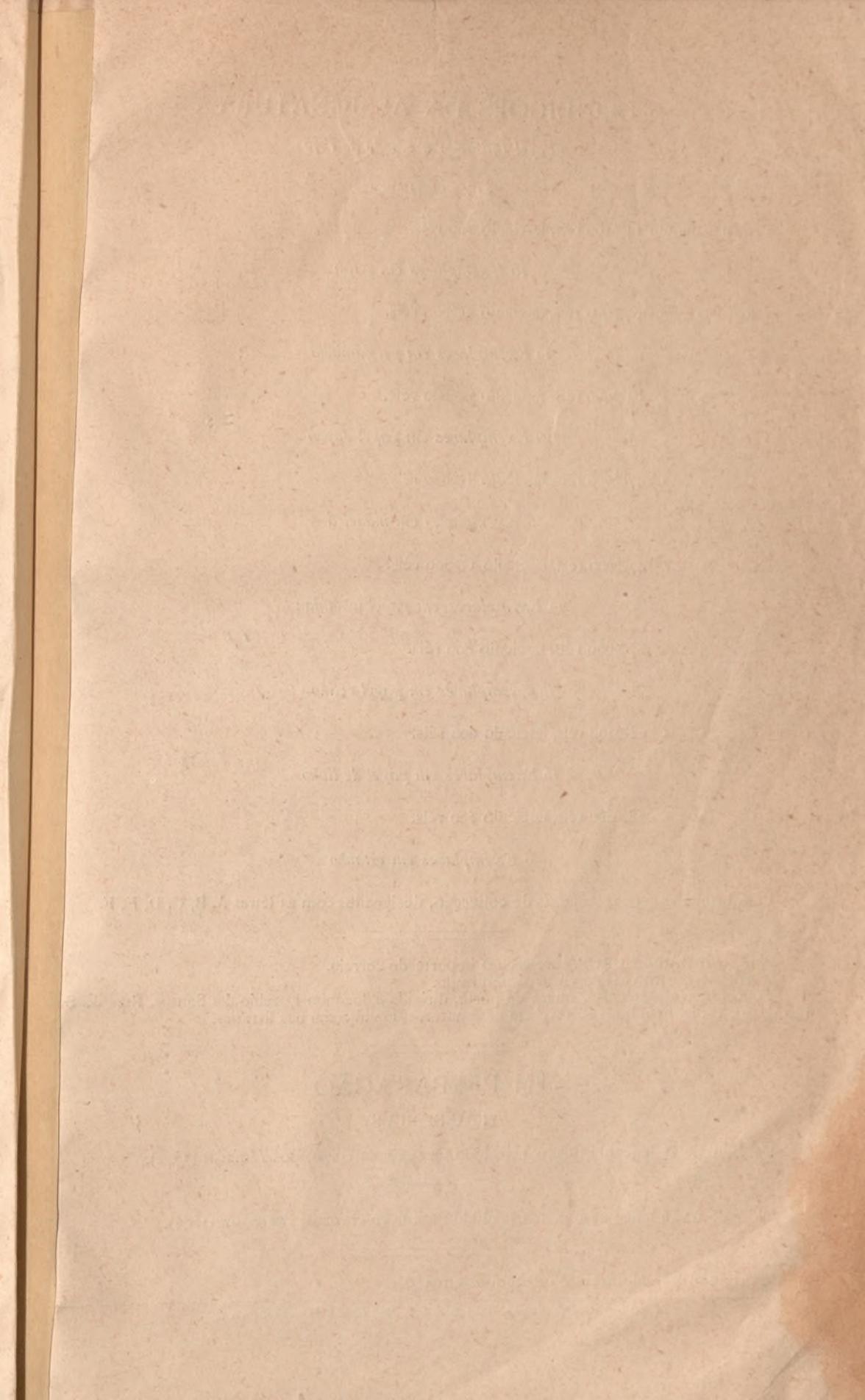
FAC-SIMILE PHOTO-LITHOGRAPHICO

POR

J. E. DOS SANTOS

LISBOA — 1886





# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14700 réis, fasciculo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

" " " 947000 réis, fasciculo 27000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

" " " 947000 réis, fasciculo 27000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

" " " 477000 réis, fasciculo 17000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

" " " 477000 réis, fasciculo 17000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

" " " 377600 réis, fasciculo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

" " " 287200 réis, fasciculo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

" " " 237500 réis, fasciculo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da peninsula.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.



# CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

*Papel imitando a edição de 1572*

314 EXEMPLARES

Preço: cada um 14700 réis, fasciculo 300 réis.

*10 Exemplares em setim*

" " " 947000 réis, fasciculo 27000 réis.

*10 Exemplares em pergaminho*

" " " 947000 réis, fasciculo 27000 réis.

*20 Exemplares em papel Japão*

" " " 477000 réis, fasciculo 17000 réis.

*6 Exemplares em madeira*

" " " 477000 réis, fasciculo 17000 réis.

*20 Exemplares em papel whatman*

" " " 377600 réis, fasciculo 800 réis.

*10 Exemplares em papel velino*

" " " 287200 réis, fasciculo 600 réis.

*10 Exemplares em papel de linho*

" " " 237500 réis, fasciculo 500 réis.

*6 Exemplares em estanho*

Para brinde aos srs. assignantes de collecção, designados com as letras A, B, C, D, E, F.

Para as ILHAS e EUROPA accresce o importe do correio.

BRAZIL: quatro vezes o custo da península.

Toda a correspondencia, franca de porte, dirigida a Joaquim Euzebio dos Santos, Rua do Sol (ao Rato), 19, Lisboa, onde se recebem assignaturas, assim como nas livrarias.

## EM PREPARAÇÃO

(FAC-SIMILES)

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da segunda edição dos *Lusiadas* (1572).

Episodio de D. Ignez de Castro, extrahido da edição chamada dos *piscos* (1584).

A primeira poesia impressa de Camões em 1563.





CAMONEANA

28

B. N. L.

